OUTROS OLHARES PARA O SISTEMA LITERÁRIO BRASILEIRO: AFRODESCENDÊNCIAS NOS ESCRITOS DE CONCEIÇÃO EVARISTO E ALLAN DA ROSA

Fabiana de Pinho

Renata Rodrigues[1]

Não tenho força física, mas minhas palavras ferem
mais do que espada. E as feridas são incicatrizáveis.
Carolina Maria de Jesus

Resumo:O presente trabalho é fruto de nossas reflexões sobre a tomada de posto narrativo de sujeitos aos quais foram negadas igualdade de oportunidades, justiça social e as devidas oportunidadesde contarem histórias para serem parte da história. Temos como norte de questionamento a este panorama as criações literárias de Conceição Evaristo e Allan da Rosa. A partir dos textos e da biografia destes autores, podemos lançar a pergunta: *Em que medida esse lugar da literatura ocupado por autoras negras e autores negros rompe com algumas e cria outras expectativas sobre o corpo negro que escreve?*

Conceição e Allan, embora de gerações distintas, conquistaram recentemente uma certa visibilidade pelos seus escritos. Negros, ensaístas, acadêmicos e, com uma escrita, que a todo momento resgata memórias e invoca nossa ancestralidade como forma de resistência e ressignificação, os dois criam em seus textos literários visibilidades e problematizações sobre pessoas que estão nas mais diversas posições de subalternidade.Seus textos apresentam leituras de periferias, com suas diversas possibilidades e potências. O que nos permite das passos importantes para compreender e ressignificar vidas negras e, de acordo com nossos repertórios, alimentarnossas memórias leitoras. Neste contexto, uma das questões que se estabelece é: Dadas as configurações excludentes do sistema literário brasileiro, como Conceição e Allan da

[1]Fabiana de Pinho é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidades, da Faculdade de Letras da PUC-Rio e professora de Língua Portuguesa do IFRJ.

Renata Rodrigues é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas – Literatura Brasileira, da Faculdade de Letras da UFRJ e professora de Produção Textual e Leitura das redes municipais de Niterói e Nova Iguaçu.

Rosa circulam em um sistema literário como o nosso? Refletir sobre isto é pensar de que maneira esse corpo negro que escreve promove indagações sobre quais são os lugares dos corpos negros na sociedade e como, pela leitura de seus textos, podemos construir outras possibilidades de entendimento sobre afrodescendência e o sistema literário brasileiro.

Em setembro de 2016, Allan da Rosa publicou no Suplemento Pernambuco uma resenha sobre o livro *Histórias de leves enganos e parecenças* de Conceição Evaristo. No texto, Allan nos interroga para nos levar a reflexões sobre a autoria desta escritora:

> Quantas linhas de Conceição Evaristo seguem nos alumiando a sina, o fundamento e a boniteza de revelar segredos mas não matar mistérios? Quanto de vagareza intensa há na sua prosa sutil e elegante que caminha, baila e salta sem alardear os saltos de seus sapatos? Quanto há de traquejo e de gritos cultivados no silêncio das negras anciãs que traz às suas páginas? Quanto haverá de percepção do tempo, do chão e das lutas que canetas pálidas há tempos chamam de fantástico, sem compreenderem que nosso imaginário, por suas matrizes africanas e pelos venenos do convívio do lado de cá do Atlântico, preza a ancestralidade trançando épocas num mesmo timbre, enamorando o tangível do dia com o perfumoso das noites?

O pronome interrogativo aponta para o lugar central da obra de Conceição Evaristo na cena literária afrodescendente brasileira: seus textos revelam silenciamentos ressignificados e contestados pelas memórias e percepções específicas sobre como funciona o mundo na perspectiva das populações negras. É pelo imaginário ancestral e, ao mesmo tempo atual, legitimado em seus textos, que as relações de poder são tensionadas. Reside nestas interrogações a ideia de que não há uma única possibilidade de olhar e narrar o mundo. Ao contrário, tais perspectivas denunciam que formas outras sempre foram negadas, inclusive, quando esta literatura é tida como exótica e fantástica.

E ele segue perguntando: “Quanto há de fortaleza e graça em sua paciente teimosia de bordar as espirais de ontem, as paisagens de futuro já cantadas há séculos e as urgências contemporâneas que nos espetam e assam nessa terra coalhada de segregação?” O texto de Conceição, para ele, é machado com dois fios, pois é suave e forte, gracioso e contundente, vagaroso e intenso, é sopro e tambor. É machado que une insurgências passadas e presentes para denegar, pela Literatura, as condições de opressão e resistência das populações negras brasileiras.

Ao observar a escrita de Allan sobre o texto de Conceição, verificamos que este gesto é literário e político, pois os dois são ensaístas, acadêmicos, com uma escrita que

a toda momento resgata memórias e invoca nossa ancestralidade. Mais que isto: são excluídos do sistema literário brasileiro porque este é majoritariamente branco, masculino, de classe média e invisibiliza a produção literária de negros e negras. (DALCASTAGNE, 2005, 33). O que compromete o modo de narrar e de construir personagens, conforme as conclusões da pesquisadora Regina Dalcastagne:

> Os brancos somam quase quatro quintos das personagens, com uma freqüência mais de dez vezes maior do que a categoria seguinte (negros). Em 56,6% dos romances, não há nenhuma personagem não-branca importante. Em apenas 1,6%, não há nenhuma personagem branca. E dois livros, sozinhos, respondem por mais de 20% das personagens negras. (...) A predominância branca no romance contemporâneo, portanto, não corresponde à diversidade da população do país. (...) Mais de um quinto dos negros representados nos romances em foco são bandidos ou contraventores. (E a eles poderiam ser acrescentados mais três presidiários.) É notável também que duas categorias "femininas" – o emprego doméstico e a prostituição ou seus arredores – apareçam com mais freqüência do que "dona de casa". (DALCASTAGNE, 2005, 33,45,54)

Estes dados indicam que o racismo no Brasil, em suas diferentes modalidades, também é produzido com mecanismos de desqualificação e apagamento da população negra deste país que se ancoram em um sistema literário excludente e invisibilizador. Tanto é que, nas 295 narrativas pesquisadas, apenas 5 negros são narradores.

É este contexto que autorias como as de Allan e Conceição tencionam e constroem caminhos potentes para que questionemos não só as ausências dos autoras e autores negros no sistema literário estabelecido, mas o fato de que negam o direito à leitura destes textos quando estes são excluídos dos circuitos literários mais conhecidos. De acordo com oartigo de Eduardo Assis Duarte, nos manuais de literatura, há uma quase completa ausência de autores negros. Porém, para ele, essa literatura não só existe como se faz presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição enquanto povo. Além de existir, esta produção também é múltipla e diversa.

Pelos Becos

Conceição Evaristo nos diz, em *Becos da Memória:*

> Escrevo como uma homenagem póstuma à Vó Rita, que dormia embolada com ela, a ela que nunca consegui ver plenamente, aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos de minha memória. Homenagem póstuma às lavadeiras que

> madrugavam os varais com roupas ao sol. À pernas cansadas, suadas, negras, aloiradas de poeira do campo aberto onde aconteciam os festivais de bola da favela. Homenagem póstuma ao Bondade, ao Tião Puxa-faca, à velha Isolina, à D. Anália, ao Tio Totó, ao Pedro Cândido, ao Sô Noronha, à D. Maria, mãe do Aníbal, ao Catarino, à Velha Lia, à Teresinha da Oscarlinda, à Mariinha, à Donana do Padin. (2017, p. 17)

Allan da Rosa, em seu livro *Mukondo Lírico*, nos presenteia com a poesia *Memórias:*

> Memórias
>
> O mapa do suor
> nas esquinas sem estátua
> Os labirintos que choram
> O museu nos riscos da pele
> Memórias
>
> O mapa do suor
> nas esquinas sem estátua
> Num cheiro de benzer
> Na dinamite do sol de cada dia.
> (2014, p. 07)

Em alguma medida, a presença de Conceição e Allan é percebida nestes textos, sejam em prosa ou em versos. Seus escritos criam visibilidade para as pessoas que estão em alguma posição de subalternidade, nos permitindo, enquanto leitoras, também mergulhar nas suas histórias. E suas histórias são leituras de periferias, de situações de subalternidade, com suas diversas possibilidades, nos permitindo entrar no seu íntimo, ressignificar vidas de acordo com nossos repertórios, alimentando nossas memórias.

Allan da Rosa é um escritor da periferia que possui seus discursos e escritos ligados à ancestralidade e a outros elementos das culturas africanas, que ecoam no seu modo de fazer literatura. A tomada do posto narrativo por Allan, enquanto sujeito periférico, também é representada por sua participação bastante atuante em projetos culturais, dentre eles saraus e feiras literárias, ambos nas periferias.

Na experiência literária de Allan da Rosa e seus pontos de contato com um deslocamento do lugar periferia, é possível observar o quanto as escrevivências[2],

[2]É importante destacar que, ao falarmos que o conceito de escrevivência foi também construído por Conceição, é uma referência à sua generosidade e grandeza ao dividirmos uma mesa em novembro de 2017, na Universidade Federal Fluminense. Na referida mesa, Conceição declarou que as mulheres negras

conceito construído também por Conceição Evaristo, influenciam nos processos de reconhecença e nos efeitos de realidade.

Sendo assim, o postulado por Lejeune (2014),

> O autor é, por definição, alguém que está ausente. Assinou o texto que estou lendo – não está presente. Mas se o texto me lança perguntas, sinto-me tentado a transformar em curiosidade por ele e desejo de conhecê-lo a inquietação, a incerteza ou o interesse engendrados pela leitura. É o que denominarei ilusão biográfica: o autor surge como "resposta" à pergunta feita por seu texto.
> (p.225)

Possui uma relação de complementaridade com afirmações deArfuch (2010),

> A conversa com escritores se torna, assim, um exercício tão clássico quanto especializado, cujo resultado não se esgota na primeira publicação, mas antes se integra às palavras ditas no universo atribuível ao autor, com o mesmo status que suas cartas, diários íntimos, cadernos de notas, rascunhos, suscetível de ser citada como testemunho, de ser compilada em forma de livro, de se transformar em leitura teórica e, evidentemente, em material para biografia. De alguma maneira, e para quem não foi tentado – ainda – pela inscrição autobiográfica, que não deixou rastro das "vidas paralelas" que transcorrem junto da prática de sua escrita – diários, notas, anotações -, a entrevista oferece um terreno iniciático, um material embrionário para retomar e desenvolver, ao mesmo tempo em que assegura um diálogo suplementar com sua posteridade. Inversamente, os que realizaram um exercício autobiográfico poderão discutir sobre o fato e acrescentar novos capítulos a essa "história conversacional".
> (p. 214)

Esses dados são importantes, especialmente quando lembramos que o presente artigo tece reflexões sobre dois escritores que em algum momento experimentaram (ou experimentam) uma situação de subalternidade. Pensar a produção literária de pessoas da periferia é ter o entendimento de que vozes silenciadas em outros momentos da trajetória literária e intelectual brasileiras estão hoje narrando não somente suas próprias histórias, todavia outras histórias também.

Asexperiências literárias de Conceição e Allan evidenciam o protagonismo conquistado, não dado, por pessoas antes silenciadas pelas suas condições de marginalidade social. Conceição e Allan conseguem, através de relatos muito peculiares

---

escravizadas já faziam escrevivências em suas contações de histórias. O que ela tinha feito, segundo fala da própria, era "apenas" colocar no papel.

de quem experimentou determinadas situações bem de perto, criar. A visibilidade literária da periferia integra um movimento característico do mundo contemporâneo.

> A multiplicidade das formas que integram o espaço biográfico oferece um traço comum: elas contam, de diferentes modos, uma história ou experiência de vida. Inscrevem-se assim, para além do gênero em questão, numa das grandes divisões do discurso, a narrativa, e estão sujeitas, portanto, a certos procedimentos compositivos, entre eles, e prioritariamente, os que remetem ao eixo da temporalidade.
> (Arfuch, 2010, p. 111)

É possível considerar que o sujeito periférico é aquele que busca "sentido para avida, aumento da autoestima, aumento do orgulho próprio, enfim, potência" (D'Andrea:2013, 147). Ao assumir sua condição de periférico, ressignificando-a, orgulha-se dela epassa a agir politicamente a partir dessa condição, portanto saindo da passividade para aação. A ação na periferia está relacionada ao protagonismo de seus habitantes nos coletivos culturais, mais ativos especialmente nacidade e na grande São Paulo. A periferia passa a expor sua potência criativa, ainda que em condições geográfica eeconomicamente desfavoráveis.

A criação literária de Allan da Rosa dialoga também com essa realidade social da periferia. São vários os diálogos que uma obra literária pode estabelecer, entretanto, ainda que não seja panfletária e nem hasteie bandeira, para muitos esse sensível partilhado é denúncia, quando, na verdade, é criação.

Em "O iludido", há a seguinte imagem:

> – Meu irmãozinho Caçu, presta atenção: nosso boletim de ocorrência agente traz na pele e no CEP – Valagume me disse, ainda forte na primeiranoite de refinada tortura. Cabeça esverdeada, desenfiada do vômito dumbalde. Dizia que as mulheres de farda são as piores no arrocho, mais ruimque os cana macho. Coturno miúdo mira melhor o chute, primazia noapertar dos bagos. Mão pintada de esmalte furou seu queixo, com ponta delápis abriu sua bochecha. Ele ia amarrado em vassouras e voltava torto, cadavez mais mutilado. Zuado. Firmaram um trato medonho com a lei: Caçu sóiria pro arrebento depois que Valagume tombasse de vez. E essa já foi aprimeira porrada na casca quebradiça do psicológico
> (Rosa: 2016, 21).

A imagem acima descrita faz parte de um novo sensível partilhado. Não é uma notícia de jornal, muito menos um artigo de opinião. É literatura. É um modo de contar histórias que exala as experiências de quem as cria e conta, de maneira que a novidade

está nos sujeitos que contam as histórias, pois moram no tema. Eles, bem como Allan da Rosa e Conceição Evaristo, têm contado suas próprias histórias; eles, os escritores da periferia.

Pensar em formas alternativas de construir mundos pode ser o reconhecimentode que existem verdades, em sua plena forma plural. Se concebermos verdades, aspossibilidades do exercício da alteridade são ampliadas, pois podemos nos reconhecerno outro. Enquanto a verdade única é quase ditatorial, um modelo a ser seguido quelimita a construção de mundos, a ficção permite a construção de novos mundos, pois seconstitui de múltiplas verdades. Pensando-as como parte(s) de dada(s) realidade(s), épossível compreendê-la(s) como uma construção e uma criação, bem como um texto ficcional, pois como afirma Stierle (2006), "O homem inventa suplementos para a falta e, deste modo, superainfinitamente a própria carência. A linguagem se converte em possibilidadede dar realidade ao não-real. A própria linguagem é ficção, condicionanovas ficções objetivas." (p. 62).A ficção é livre, não precisade um contexto. O leitor, sujeito social que é, acaba associando questões de seucotidiano às leituras ficcionais que faz. Como o exemplo a seguir do conto "GuguMatusquela":

> Mas somos um povo que luta junto e ninguém decidiria sozinho os caminhos pedregosos da existência. Toda gente deu pitada de juízo: Isso éfalta de Jêzuis! É não, cumadre, precisa é fazer o santo! Ôchi, falta é tomaruma pisa pra criar vergonha no focinho! Ah, vá carpir o quintal!... Entãofamília internou para não enterrar. E Gugu chegou ao campo dos templáriosfarejando trairagem, mas sem a certeza de que ia se entrevar na tranca.
> (Rosa: 2016, 67-8).

Não é difícil associar o trecho acima, mesmo sendo ficcional, a alguma questãodo cotidiano. Isso se explica não pelo fato de a criação de Allan da Rosa ser um retratoda realidade, porque não o é, mas sim pelo fato de o texto ser vivo, já que uma criaçãoliterária tem vida. Entendendo o texto ficcional como a criação de um novo mundo,outro território, e percebendo estar num mundo globalizado, não homogêneo, écompreensível que os mundos dialoguem. Nesse sentido, o real e o fictício podeminfluenciar-se, cada um com seus elementos e suas particularidades. O discursoficcional não está ancorado em realidade ou contexto social algum. É um processo derealização de um novo mundo criado, aquele determinado mundo ficcional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Stuart Hall, o conceito de representação passou a ocupar um lugar novo e importante nos estudos sobre cultura porque "Representação significa utilizar a linguagem para, inteligivelmente, expressar algo sobre o mundo é representá-lo a outras pessoas." (Hall, 2016, p.31). O teórico negro e jamaicano também nos ajuda a pensar na representação de negros e negras:

> A prática de reduzir as culturas do povo negro à natureza, ou naturalizar a "diferença" foi típica dessas políticas racializadas da representação. A lógica por trás da naturalização é simples. Se as diferenças entre negros e brancos são "culturais", então elas podem ser modificadas e alteradas. No entanto, se elas são "naturais" – como acreditavam os proprietários de escravos -, estão além da história, são fixas e permanentes"(Hall, 2016, p. 171).

A perspectiva de Hall é importante para que ensaiemos uma resposta para a pergunta que norteia este trabalho - *Em que medida esse lugar da literatura ocupado por autoras negras e autores negros rompe com algumas e cria outras expectativas sobre o corpo negro que escreve?*-. A representação de corpos negros em lugares de subalternidade se faz por meio da naturalização e funciona como estratégia para que não haja mudanças neste sistema de silenciamento e opressão. No entanto, quando Allan e Conceição, assim como outras autoras e autores que fogem de um parâmetro de autoria tradicionalmente visível, escrevem, eles e seus textos passam a ocupar outros lugares a partir do momento em que exercitam estratégias de mobilidade. Alteram as lógicas, narrando e sendo narrados.

A partir disso, dos incontáveis pontos de contato entre a escrita de Conceição Evaristo e a escrita de Allan da Rosa nos despertou a atenção a imagem do beco.A primeira foto do livro "Morada", de Allan é a imagem de um beco, em que o registro escrito mais expressivo é referente à venda de uma casa. Essa venda desloca a percepção da favela como lugar de ausências e transporta para um olhar de dimensão comercial. Numa outra perspectiva, mais que se entrecruza com a perspectiva do Allan, em "Becos da Memória", Conceição traz o drama dos moradores de uma favela prestes a ser demolida. Essa favela se torna espaço em que histórias guardadas na memória são contadas, mobilizando experiências. Ambos rompem com a expectativa do que se

espera de uma narrativa na favela, sem negá-la, mas ampliando, mostrando que dentro das ausências, outras possibilidades também existem.

O beco, em Allan e Conceição, é potência narrativa porque revela os possíveis advindos de um lugar considerado precário. Olhar para ele nos parece um bom caminho para concluir que a escrita afrodescendente destes autores tensiona as configurações hegemônicas e tradicionais do sistema literário brasileiro. Seus textos amplificam o campo literário porque apontam para a pluralidade.Pensar as criações de pessoasperiféricas ao sistema literário brasileiro, nesta perspectiva, é ter o entendimento de que vozes silenciadas em outros momentos da trajetória literária e intelectual do nosso país estão hoje narrando, não somente suas próprias histórias, mas também outras histórias. As experiências literárias de Conceição e Allan evidenciam o protagonismo conquistado, não dado, por pessoas antes silenciadas pelas suas condições de marginalidade social. Conceição e Allan conseguem, através de relatos muito peculiares de quem experimentou determinadas situações bem de perto, criar. A visibilidade literária da periferia integra um movimento característico do mundo contemporâneo.

Referências

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea.* Tradução: Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina – "A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004". Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n.º 26. Brasília, julho-dezembro de 2005.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. *A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política naperiferia de São Paulo.* Tese apresentada ao Departamento de Sociologia daUniversidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura Afro-brasileira: um conceito em construção.* In Afolabi, Niyi; BARBOSA, Márcio; RIBEIRO, Esmeralda (Orgs.) *A mente afro-brasileira*. Trenton-NJ, EUA / Asmara, Eritréia: África World Press, 2007, p. 103-112**.**

_____.*O negro na literatura brasileira.* Navegações - v. 6, n. 2, p. 146-153, jul./dez. 2013.

_____.*Literatura e Afrodescendência*

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória.* Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

_____.*Olhos d'água.*Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

HALL, Stuart. *Cultura e representação.* Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2016.

_____.*Da diáspora: identidades e mediações culturais.* Tradução: Adelaine La Guardia Resende [et al.]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*, v. I. Tradução de JohannesKretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária.* Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet.* Tradução: Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani& SABACK, Lilian. *A insurreição dos sujeitos silenciados: Autorrepresentação nos discursos literário e audiovisual.* ALCEU - v. 13 - n.26 - p. 127 a 140 - jan./jun. 2013.

PEREIRA, Amauri Mendes.*Trajetória e Perspectivas do Movimento Negro Brasileiro.* Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política.* Tradução de MônicaCosta Netto. São Paulo: EXO/Editora 34, 2009.

_____. "O efeito de realidade e a política da ficção". Tradução de Carolina Santos.*Novos Estudos CEBRAP*, 2010, pp. 75-90.

ROSA, Allan da. *Mukondo Lírico.* São Paulo: Edição do autor, 2014.

_____.*Reza de mãe.* São Paulo: Editora Nós, 2016.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Poe o subalterno falar?* Tradução: Sandra Regina [et al.]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STIERLE, Karlheinz. *A ficção.* Tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Caetés, 2006.